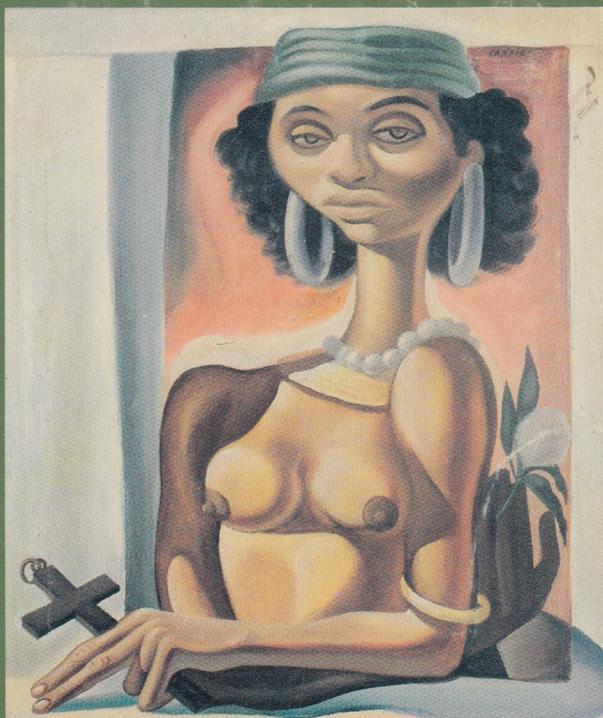


NELSON H. VIEIRA

BRASIL E PORTUGAL

A IMAGEM RECÍPROCA



DIÁLOGO

FRONTEIRAS ABERTAS

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA

No Brasil, o jornalista controverso, Paulo Barreto, que escreveu sob o pseudónimo João do Rio, torna-se grande amigo de Portugal, advogando mais estreitas relações entre os dois países. Este interesse por uma melhor comunicação luso-brasileira culminou na revista *Atlântida*, fundada em 1915 em Lisboa e dirigida pelo escritor português João de Barros¹. Patrocinada pelos ministérios dos negócios estrangeiros de Portugal e Brasil, esta publicação tinha a finalidade de fornecer informação artística, literária e social concernando os dois países. Barros atribui a ideia de publicação desta revista ao brasileiro Paulo Barreto, o qual tinha visitado Lisboa em 1909. A *Atlântida* oferecia inumeráveis estudos da cena luso-brasileira. Na história lusobrasileira, representava a manifestação de um género de participação recíproca, da parte de homens dos dois países. Nas suas intenções, a revista recusou fazer uso do inócuo palavreado frequentemente usado nos banquetes oficiais. Em vez disso, encorajou o intercâmbio cultural e manteve-se a par de todos os acontecimentos de relevância susceptíveis de promoverem uma reciprocidade luso-brasileira. Por exemplo, a criação duma cadeira de estudos brasileiros na Faculdade de Letras em 1916 teve larga cobertura na *Atlântida*. A referida cadeira veio a ser finalmente inaugurada a 9 de Junho de 1923. Mais tarde, a Universidade de Coimbra ia desempenhar um papel bastante activo nos estudos brasileiros.

Num artigo intitulado «Os Portugueses no Brazil», Alberto d'Oliveira frisa a indiferença de Portugal perante o Brasil. Acusa os intelectuais portugueses de manifesto desinteresse por aquele país, o que gradualmente alongava a distância entre os dois povos. Além disso, acusa o Governo Português pelo seu atraso na resolução do problema duma mútua companhia de navegação e no melhoramento da emigração para o Brasil. Como cônsul no Rio de Janeiro, Oliveira tornou-se conhecedor de primeira da reputação que Portugal estava ali ganhando: «A persistência e quase exclusividade da emigração inculta para o Brasil criou também sem dúvida entre os brasileiros uma noção errada da vida e da sociedade Portuguesa»².

O maior contacto que o Brasil manteve com Portugal nasceu das suas relações

¹ Havia outras revistas destinadas a servir um público leitor luso-brasileiro, porém elas nunca promoveram, como política oficial, laços mais apertados entre o Brasil e Portugal. Em vez disso, focalizaram as suas notícias sobre a Europa, especificamente Portugal e a França. Tais periódicos eram: *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1926); *Os Dois Mundos* (1877-1880); *A Ilustração* (1884-1889); *Brasil-Portugal* (1899-1914).

² Alberto d'Oliveira, «Os Portugueses no Brazil», *Atlântida*, I, 3 (1915), 202.

com os humildes mas ambiciosos emigrantes. Segundo muitos, este contacto, representado por emigrantes sem instrução resultou na perda de interesse pela cultura portuguesa. Conjuntamente com o nacionalismo sempre crescente no Brasil, a imagem de Portugal não prosperou aos olhos do público brasileiro.

Durante a sua visita a Nova Iorque em 1927, o almirante português Gago Coutinho notou a mesma situação com os imigrantes portugueses na América do Norte, que não tinham prestígio na sociedade. Gago Coutinho atribuiu a posição social dos imigrantes ao facto de estes não terem conhecimento substancial de Portugal ou da cultura portuguesa, o que por conseguinte resultou na perda de orgulho étnico. O público americano, desconhecedor da civilização portuguesa, naturalmente não reconheceu a herança de Portugal e assim avaliou os portugueses sem grande estima. Esta ignorância, explica Gago Coutinho, foi «por culpa de nós mesmos, da Metrópole, que não procuramos tornar-nos aqui conhecidos, quer dos colonos portugueses, quer dos Americanos»³. Em pouco tempo, o almirante português estava defendendo melhoramentos nas relações culturais. O mesmo argumento podia ser usado relativamente aos portugueses no Brasil.

Além de estudar o problema das relações luso-brasileiras, a *Atlântida* financiou viagens de brasileiros a Portugal. Olavo Bilac visitou Portugal em 1916; facto bastante importante na história luso-brasileira. O poeta brasileiro, conjuntamente com o seu contemporâneo português Guerra Junqueiro, iniciou uma nova era de mútua amizade entre os dois países⁴. Com esta atmosfera, o interesse luso-brasileiro surgiu com novo entusiasmo. (Ver Pedro da Silveira, *Os últimos Luso-Brasileiros*). A ideia duma federação luso-brasileira tornou-se tema comum entre os intelectuais em Portugal e no Brasil. A Guerra Mundial encorajou esta união, interpretada pelas duas nações como segurança na cena política internacional. Foi nesta revista que a palavra comunidade e o conceito de comunidade luso-brasileira apareceu pela primeira vez. No primeiro número, João de Barros na sua definição dos objectivos dos editores da *Atlântida*, escreve:

E mais pensava, também, que toda a sorte de interesses, dos moraes

³ Pinheiro Corrêa, Gago Coutinho: *Precursos da Navegação Aérea* (Oporto, 1969), p. xliii.

⁴ Affonso de Carvalho, Bilac (Rio de Janeiro, 1942), pp. 86-92. As visitas de Bilac a Portugal em 1904, 1912 e 1916, mais a sua declarada admiração pelos portugueses, atestam a sua sincera apreciação pela cultura lusa.

aos economicos, dos espirituales aos praticos faziam de Portugal e do Brazil uma comunidade perfeita, com o mesmo ideal latino, com a mesma força de inteligencia e de alma, com a mesma perfeita sensibilidade social⁵.

Durante a publicação deste periódico, que viveu até aos fins de 1920, apareceram uns tantos livros tratando do conceito luso-brasileiro como tema central. Um dos casos foi João de Almeida – *Visão do Crente* (1915?), que fazia parte da série intitulada *Ao Serviço do Império*. Aqui, Almeida faz a apologia da federação entre os dois países através duma possível aliança militar e entendimento diplomático e económico. O zelo patriótico de Almeida excedeu as fronteiras dum amistoso entendimento, ao classificar esta união como a «reconstrução da nossa Pátria, segundo o genial traço dos nossos antepassados, e a que o destino de Deus e a vontade dos homens um dia poderão dar realidade na formação do Império Lusitano⁶. Este tipo de mentalidade causou repulsa nos brasileiros, pois que podiam interpretar essas palavras como apelo à mais elevada glória de Portugal.

Um livro intitulado, *Na Outra Banda de Portugal*, foi publicado em 1919. Tratava-se duma colecção de conferências de Alberto de Oliveira referentes à campanha luso-brasileira. O trabalho foca os altos e baixos deste movimento para uma troca cultural e económica, frisando vários acontecimentos e líderes envolvidos. Alberto d'Oliveira, um verdadeiro luso-brasileirista, é representativo do espírito de amizade que foi encorajado entre as duas nações. O Brasil, desejando representar um papel importante na esfera internacional, não recusou a amistosa abertura. Depois de cumprir a sua missão como chefe da delegação brasileira à Conferência de Paz em Paris, o presidente eleito do Brasil, Dr. Epitácio Pessoa, visitou Portugal em Junho de 1919 e discutiu o estreitamento de amizade entre os dois países. A 30 de Setembro de 1920, Epitácio Pessoa revogou a expulsão da família imperial, demonstrando assim que o ressentimento provocado pela queda da monarquia tinha passado. Os restos do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz, sepultados em Lisboa, foram trasladados para o Brasil em 1922 e repousam na Catedral em Petrópolis.

Paulo Barreto, jornalista brasileiro, continuou o seu trabalho pensando na

⁵ João de Barros, *Atlântida*, I, 1 (1915), p. 6.

⁶ João de Almeida, *Visão do Crente*, 2ª ed. em *Ao Serviço do Império* (Oporto, 1936), p. 228. Não consegui encontrar a primeira edição.

realização duma forma concreta de «lusu-brasileirismo», orientando todos os discursos e propostas nesse sentido, cujo alvo era a expansão económica e cultural entre o Brasil e Portugal. Houve porém um determinado número de aventuras falhadas, não havendo pois progresso substancial. Por outro lado, acontecimentos como a primeira travessia aérea entre Lisboa e Rio de Janeiro (de 30 de Março a 17 de Junho de 1922) levada a efeito pelos oficiais portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em três aviões, foi exaltada simbolicamente por muitos luso-brasileiros e convenceu-os de que alguma forma de união estava bem evidente. Mais tarde, quando o presidente da República portuguesa, António José de Almeida, chegou ao Rio de Janeiro a 18 de Setembro de 1922 para a celebração do centenário da independência brasileira, acreditou-se que os dois países podiam incorporar na sua legislação muitos dos acordos e tratados tão frequentemente mencionados nos momentos de zelo luso-brasileiro. Em Janeiro de 1923, apareceram na *Gazeta da Relação de Lisboa* três propostas de acordos ou pactos entre Portugal e Brasil, que foram assinados, mas nunca aplicados⁷. Os problemas de múltipla nacionalidade, serviço militar, emigração, trabalho e protecção literária para os autores, foram todos abafados pela maré de burocratismo e declarações verbosas.

Nos dez anos seguintes, mais livros e discursos foram publicados a favor do luso-brasileirismo. João de Barros, antigo director da *Atlântida*, recusou-se a abandonar a ideia duma *comunidade* luso-brasileira. Escreveu até um certo número de livros, fazendo parte duma série intitulada *Uma Campanha Luso-Brasileira*. Depois de escrever oito volumes nesta série com títulos como *Sentido do Atlântico* e *A Aproximação Luso-Brasileira e a Paz*, Barros nunca desesperou. Pelo contrário, estava convencido de que aos dois países estava destinada uma aproximação no futuro. Numa destas últimas publicações, *Presença do Brasil* (1946), Barros resume os pontos principais do luso-brasileirismo de 1912 a 1946, e menciona os livros, artigos, propostas e reuniões internacionais centrados à volta duma união luso-brasileira. Sem revelar o seu desapontamento com o fracasso dos dois governos, incapazes de chegarem a qualquer acordo oficial, Barros conclui esperançoso de que o futuro resolverá o que ele e outros, como Paulo Barreto e Alberto d'Oliveira, se esforçaram tão arduamente por conseguir.

⁷ Joaquim Lança, *Dois Tratados: 1825-1953* (Lisboa, 1958), pp. 42-46..

Nelson H. Vieira, *Brasil e Portugal - A imagem recíproca (O Mito e a Realidade na Expressão Literária)*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991, pp. 134-136.